

# Rio de Janeiro, uma cidade esportiva:

um panorama histórico<sup>1</sup>

Rio de Janeiro, a sporting city:  
a historical panorama

## **VICTOR ANDRADE DE MELO**

Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui estudos de Pós-Doutorado em Teoria Crítica da Cultura pela UFRJ e em História Social pela Universidade Federal Fluminense  
[victor.a.melo@uol.com.br](mailto:victor.a.melo@uol.com.br)

## **FABIO DE FARIA PERES**

Membro do Laboratório de História do Esporte e do Lazer da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
[peres.ff@gmail.com](mailto:peres.ff@gmail.com)

**RESUMO:** O intuito deste artigo é apresentar um panorama histórico da conformação do fenômeno esportivo no Rio de Janeiro. Dividimos a abordagem em cinco momentos que, embora guardem certa ordem cronológica, se justapõem e se entrecruzam. Em cada um deles destacamos uma especificidade como exemplar das configurações da prática. Percebemos que o esporte deixou importantes registros na cidade, estabelecendo-se como importante referência para os que nela vivem. Mais do que ser muito apreciado, pode-se dizer que foi mobilizado na sua construção identitária, nos discursos sobre a “carioquice”. Nessa representação, é esportivo o espírito do carioca. E o Rio de Janeiro se constituiu numa cidade esportiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do Esporte; História do Rio de Janeiro; Modernidade.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to present a historical panorama of the conformation of the sports in the Rio de Janeiro. We divide the approach into five moments that juxtapose and intersect, although are chronological. In each of them, a specificity was highlighted as an example of the sports configurations. We realized that the sport left important records in the city, establishing itself as an important reference for those who live in it. More than being much appreciated, it can be said that it was mobilized in its construction of identity, in the discourses on “carioquice”. In this representation, the spirit of the carioca is sporting. And Rio de Janeiro became a sporting city.

**KEYWORDS:** Sport History; Rio de Janeiro History; Modernity.

## Introdução

O intuito deste artigo é apresentar um panorama histórico da conformação do fenômeno esportivo na cidade do Rio de Janeiro. Mesmo sabedores dos riscos de incorrer em superficialidades, pensamos que essa abordagem tem o potencial de se constituir em uma análise de longa duração. Sugerimos que as lacunas podem ser preenchidas com o acesso a outros estudos que trataram dos temas discutidos com maior profundidade, alguns citados na bibliografia, outros cujos autores, inclusive, integram este dossiê da Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Dividimos nossa abordagem em cinco momentos que, embora guardem certa ordem cronológica, se justapõem e se entrecruzam. Em cada um deles, destacamos uma especificidade como exemplar das configurações da prática. Isso não significa que outras modalidades ou outras formas de compreensão não tenham se estruturado no mesmo período. Apenas adotamos uma estratégia para dar a conhecer as linhas mestras no que tange ao desenvolvimento esportivo em nossa cidade.

## Primeiros impulsos de modernização: o turfe

O turfe, assim como ocorreu em muitos países, foi o primeiro esporte a se sistematizar no Rio de Janeiro. Já na segunda década do século XIX, foram promovidas as pioneiras corridas de cavalos, protagonizadas por britânicos que se tornaram mais usuais na cidade desde a chegada da família real portuguesa (1808).

Sua motivação era tornar a experimentar uma atividade britânica cotidiana, a fim de minimizar a distância de suas referências culturais. De outro lado, há que se ter em conta que o Rio de Janeiro mudou rapidamente com a chegada da família real. Houve transformações no cenário urbano, na economia e na política com o objetivo de adequar a cidade para que bem desempenhasse a função de sede do Império. Cresceu a dinâmica pública, tendo sido observadas as primeiras iniciativas associativas e melhor delineamento de um mercado ao redor dos entretenimentos. As diversões tornaram-se mais valorizadas, criando uma ambiência para as práticas esportivas.

Esse quadro se acentuou com a independência, articulando-se com os primeiros momentos de construção de uma ideia de nação. As corridas de cavalos, que se tornaram mais frequentes a partir da década de 1830,

seguiram marcadas pela influência dos britânicos, que tinham ampliado sua presença na cidade. As provas turfísticas eram valorizadas pelas elites. Da mesma forma, já começaram a atrair maior número de interessados, gente disposta a desfrutar das novas oportunidades de convivência pública.

Já nesses momentos iniciais, as corridas de cavalos desempenharam uma função que vai marcar sua trajetória na cidade: a de arena pública, no qual se dramatizavam os papéis sociais, onde a Corte desfilava. A população identificava os mais poderosos. As elites se exibiam, se encontravam e teciam suas alianças. Estrangeiros e nacionais viviam um simulacro de “civilização”. A constante presença da família real consagrava o valor da prática.

A melhor estruturação das iniciativas se ressentia tanto da falta de experiência na organização de espetáculos quanto da instabilidade política e social do Brasil recém-independente. Além disso, o novo país sentia dificuldades no âmbito da economia. Esse quadro começou a mudar na década de 1840, com a assunção de D. Pedro II ao trono.

Foi nesse momento que surgiu o primeiro clube de turfe, provavelmente a pioneira agremiação esportiva do Brasil: o Club de Corridas. Ainda que essa experiência tenha sido breve, lançou as bases para outras semelhantes, estruturadas na década de 1850, momento no qual, mesmo com dificuldades e improvisações, a modalidade viveu seu primeiro momento de popularidade, celebrado num hipódromo construído nas redondezas da região central da cidade, o Prado Fluminense. Nessas iniciativas já se lançou uma ideia que constantemente será mobilizada na trajetória do esporte: *Utile Dulce*. Sem deixar de ser um divertimento, deveria ser encarado como um contributo para as necessidades da nação.

O turfe definitivamente se estruturou no final dos anos 1870, quando foi fundada uma das mais importantes agremiações da modalidade: o Jockey Club. Foram criados clubes, competições e hipódromos. Nos anos 1880, a prática ocupou um papel de destaque na cidade. Passou a ser tema do cotidiano, assunto usual dos jornais, referência tratada na literatura e no teatro, influência nas modas e mesmo no linguajar.

Nessa década, tornou-se ainda mais clara sua articulação com a economia e com a política, dramatizando os conflitos entre a aristocracia de características mais rurais, ligada ao comércio do café e portadora de títulos nobiliárquicos, e a burguesia urbana, formada por profissionais liberais e empresários que atuavam nos novos negócios citadinos. Esses embates também se refletiam nas propostas de regime para o país: monarquia ou república.

Nesse momento, já estava em curso um novo fluxo de modernização, cujos primórdios tinham se delineado nos anos 1850. Nesse cenário, se conformara outra modalidade: o remo.

## Novos impulsos de modernização: o remo

Os anos 1850 se constituem em um marco para o Brasil. Na década, sentem-se mais claramente os efeitos do processo de estabilização política que teve início com a ascensão de D. Pedro II ao trono. No âmbito da economia, houve um superávit em função do fim de certos tributos que vinham da época da independência e de uma grande safra de café. Percebe-se o incremento do comércio, a fundação de instituições bancárias e a diversificação da economia, observando-se um primeiro surto de industrialização. Esse movimento induziu ao aumento de relação com o continente europeu, tanto por questões negociais quanto por motivações culturais. Pretendia-se consolidar a nação, tendo como parâmetro o “mundo civilizado”.

Impactos desse processo são perceptíveis na capital. São entabuladas iniciativas no sentido de sanar os problemas de saúde, saneamento básico e transporte público. Melhor conformou-se um mercado de entretenimentos, com a ampliação tanto das alternativas de diversão quanto do público consumidor.

No âmbito esportivo vão se sentir claramente impactos desse processo. Um deles foi a já citada melhor conformação do turfe, beneficiado pela tendência de valorização da diversão, bem como pela maior estruturação do mercado consumidor. Outro aspecto merece ser destacado, o início da relação do esporte com as noções de higiene e saúde. As atividades físicas passaram a ser tidas como contributos para a nação, que precisava de braços fortes para se desenvolver. A Guerra do Paraguai (1863-1870) ainda acrescentou a tais compreensões as preocupações com a defesa nacional.

Nesse cenário, entre tantas modalidades que se delinearam, é exemplar a conformação do remo. Em 1851, fundou-se a Sociedade Recreio Marítimo, que melhor estruturou provas que já vinham sendo disputadas de forma espontânea nas praias cariocas. A primeira regata foi promovida nesse ano, na Baía de Guanabara.

A ocupação do litoral, a propósito, tratou-se de uma novidade, ligada inicialmente a preocupações com a saúde, relacionadas à vulgarização dos banhos como um todo e especificamente dos banhos de mar. Logo, a praia

transformou-se num lugar de entretenimento, começando a ocupar um espaço que depois se tornaria mesmo uma forma de definição da identidade carioca. Percebe-se o início da valorização de um novo modelo de corpo, mais exposto, mais forte, mais disposto aos esforços físicos.

Fortalece-se a ideia de *Utile Dulce* nos discursos sobre a prática esportiva. O remo foi valorizado por suas contribuições para os indivíduos, mas também encarado como uma das formas adequadas de celebrar a nova cidade moderna, processo que se tornou claro nos primeiros anos do século XX. A modalidade fez parte das importantes e intensas reformas pelas quais passou a capital, protagonizadas pelo prefeito Pereira Passos.

Na segunda metade do século XIX, se estruturaram as agremiações, competições e regulamentos do remo. Nos anos 1890, se promoveu a definitiva relação entre a modalidade e os novos parâmetros de saúde, higiene e moralidade. Os participantes de provas esportivas passaram a mais comumente ser chamados de atletas e ser reconhecidos por sua compleição física. O esporte náutico substituiu o turfe na preferência popular, influenciando a vida cotidiana da cidade, instituindo novos desejos, novas formas de relacionamento, novas maneiras de se vestir e se portar.

Os líderes do remo consideravam o turfe não como uma prática esportiva, mas sim um jogo de azar ligado a velhos costumes que deveriam ser expurgados para o bem da sociedade, especificamente combatendo as apostas. O esporte deveria ser valorizado por seus contributos ao progresso, dialogando com outra modalidade que se consolidava na sociedade fluminense, a ginástica.

A força desse discurso influenciou outras modalidades. Mesmo o turfe tentou dialogar com os novos parâmetros. Na verdade, percebe-se a definitiva valorização do esporte, sua popularização no cenário de uma cidade cada vez mais dinâmica.

Nesse contexto, não se desejava mais somente assistir aos espetáculos esportivos, mas sim também tomar parte mais ativa nas competições. É nesse momento que vai se consolidar na cidade um esporte das massas, aquele que ocupará definitivamente o espaço de modalidade-rainha do país, o futebol.

## A consolidação da nação: o futebol

Nos anos iniciais do século XX, o Rio de Janeiro já havia presenciado inúmeras competições de distintas práticas esportivas. Além do turfe e do remo,

havia constantes eventos de corridas a pé e de velocípedes, natação, jogo de pelota, patinação, tiro, entre outras, que integravam um mercado de entretenimento cada vez mais diversificado. Percebe-se a profusão da vida associativa e clubista.

A emergência e consolidação do futebol no Rio de Janeiro têm relação com essa ambiência. Embora os primeiros indícios da modalidade remontem ao quartel final do século XIX, ela melhor se estruturou no século XX, deixando de ser algo eventual e se tornando mais frequente na paisagem da cidade.

Em um primeiro momento, seu desenvolvimento se deu em agremiações dinamizadas por ingleses e seus descendentes. Esse é o caso do Rio Cricket and Athletic Association (de Niterói) e do Paissandu Cricket Clube, nas quais se promoveram jogos em 1900 e 1901. Em 1902, foram fundados os pioneiros clubes de futebol da cidade, o Rio Futebol Clube e o Fluminense Futebol Clube. Em 1904, surgiu o *The Bangu Athletic Club* (depois Bangu Atlético Clube), ligado à Fábrica Bangu. No final desse ano, já havia também o América Futebol Clube (fundado por um grupo ligado ao Clube Atlético Fluminense, uma sociedade importante na difusão e promoção de corridas a pé e de velocípedes), o Football and Athletic Club e o Botafogo Futebol Clube.

A criação de equipes se deu de forma acelerada, em alguns casos, no interior de antigas agremiações (caso do Vasco e do Flamengo). Ainda nas primeiras décadas do século XX, um grande número de clubes de futebol se espalhou pelas diversas regiões da cidade, inclusive pelos subúrbios, acompanhando a expansão da rede ferroviária e da malha urbana. Paulatinamente, a prática se distanciou do que desejavam certos círculos mais restritos, que a imaginavam associada a valores de status e distinção. Aliás, vários indícios colocam em xeque a ideia de que o “velho esporte bretão” transitou da elite para o povo. Houve mesmo uma dinâmica múltipla, simultânea e complexa.

Não por acaso, portanto, o futebol dramatizou as tensões e ambiguidades da sociedade fluminense/carioca, justapondo e fazendo cruzar questões de classe, raça e origem social e geográfica. Conflitos, fora e dentro de campo, ligados às tentativas de restrição e o fortalecimento de estigmas, se tornaram frequentes. As disputas entre diferentes ligas, que nas décadas de 1920 e 1930 culminaram no intenso debate entre a adoção do profissionalismo e a defesa do amadorismo, exemplificam as tentativas de manutenção de hierarquias sociais e monopólio (sobretudo da comercialização) da prática.

Nesse cenário, se gestou um vínculo emocional e de pertencimento com a prática e os clubes. Ao se institucionalizar para atender públicos cada

vez maiores, ávidos pela beleza e emoção das partidas, o futebol transformou-se em espetáculo de massa. No período, a propósito, também se consolidaram outros esportes coletivos, em especial dois que conquistaram bom espaço na cidade, o basquetebol e o voleibol.

Com isso, a conexão entre futebol e política não tardou a se tornar mais intensa, algo já visto em outras modalidades (como a relação de Pereira Passos com o remo). Esse aspecto ganhou contornos sem precedentes a partir da década de 1930, se intensificando até os anos 1970. A prática foi mobilizada enquanto símbolo de identidade nacional e expressão por excelência da “originalidade” mestiça — entendida como sinal positivo — da nossa formação social. Mais do que isso, tal representação passou a ser considerada uma metonímia da autoimagem e de uma suposta essência do brasileiro e, em particular, do carioca.

## Reflexos da industrialização: os esportes na natureza

Com os ventos de um novo ímpeto de industrialização, na década de 1950, e de maneira mais intensa no decorrer dos anos 1960 e 1970, um novo conjunto de práticas esportivas se estruturaram na cidade. Esse processo, ao lado de diversos aspectos da história urbana do Rio de Janeiro, contribuiu para a conformação de algumas modalidades relacionadas a uma determinada leitura da natureza e do meio ambiente.

Desde a década de 1930, como resultado dos compromissos assumidos pelo governo Vargas, o setor industrial já vinha passando por importantes mudanças, ainda que o país fosse predominantemente agrícola. Contudo, foi apenas a partir dos anos 1950 que a indústria se tornou uma das principais atividades econômicas, processo exponenciado na gestão de Juscelino Kubitschek. No caso do Rio de Janeiro, o número de fábricas cresceu 30% entre 1940 e 1950, instaladas nas redondezas de São Cristóvão e subúrbios.

Simultaneamente, uma série de transformações ocorreu na estrutura da produção agrícola, tendo efeitos significativos nas relações de trabalho. O surgimento de novas culturas que favoreciam a tendência à instalação da agroindústria provocou a crise do sistema de colonato. Uma das consequências foi a redução do número de trabalhadores necessários à produção.

Por consequência, houve fortes fluxos migratórios para as cidades, em parte motivados pelo processo de industrialização, mas também pelo desenvolvimento dos setores da construção civil, comércio e serviços. Na



década de 1940, a população urbana representava 61% do total do Rio de Janeiro. Nos anos 1960, essa proporção alcançaria 79%. Enquanto a zona urbana cresceu no período cerca de 135%, a rural diminuiu 0,2%.

Como forma de compensação emocional, para dar conta do aumento dos problemas citadinos, percebe-se uma nova dinâmica urbana marcada pela valorização da natureza, especialmente das praias, processo que se lineará desde a década de 1930. Não é fortuito, portanto, que, no decorrer do século XX, a própria geografia da cidade tenha sido interpretada como um dos elementos identitários do carioca.

Na verdade, como vimos, desde o século XIX vinha se intensificando a relação da sociedade fluminense com o mar. A partir dos anos 1930, o Centro, até então a região de maior densidade demográfica da cidade, começou a perder não apenas moradores, como também atividades comerciais para os novos bairros da Zona Sul. Nessas praias, cada vez mais valorizadas, novas modalidades esportivas surgiram, tais como o futebol de areia, o vôlei de praia, a peteca e o frescobol.

Não por acaso, portanto, a partir dos anos 1950 constrói-se a impressão de que a Zona Sul une o que há de mais moderno com as belezas naturais da cidade, local marcado por uma *joi de vivre* sem igual. As políticas de remoção de favelas da região, entabuladas na década de 1960, concorreram ainda mais para o distanciamento social e simbólico com outras áreas da cidade.

Nesse cenário, conformaram-se novas práticas esportivas realizadas em ambientes considerados naturais, bem como gostos e estilos de vida associados a eles. A busca por um contato com a natureza (sem dúvida, idealizada), vinculada a uma “fuga do caos urbano”, contribuiu para que o surfe e, anos depois, com a expansão da cidade para o litoral da Zona Oeste, o voo livre e o montanhismo, entre outras modalidades, atraíssem cada vez mais adeptos.

No final dos anos 1960, essas atividades ganharam novo fôlego, ainda que com contornos diferenciados, com os movimentos de contracultura. Nos anos 1980, isso se cruzou com o processo de redemocratização. O binômio natureza-juventude associado a essas modalidades induziu a serem representadas como sinônimo de mudança e adoção de um estilo de vida mais distendido, no qual se admitia um novo tipo de exposição corporal no espaço público. Novos critérios de esportividade foram criados. A cidade estava rapidamente mudando e esses novos elementos foram incorporados ao *ethos* carioca.

## Caminhos da globalização: os megaeventos

No século XXI, o Brasil e, em especial, o Rio de Janeiro definitivamente se inseriram no circuito internacional dos megaeventos esportivos. A cidade sediou competições de grande vulto, para os quais se exigia uma produção grandiosa, inclusive no que tange ao volume de dinheiro empregado — sobretudo verbas públicas. Exemplos são os Jogos Pan-Americanos (2007), os Jogos Mundiais Militares (2011), a Copa do Mundo de Futebol (2014) e as etapas mundiais de diversas modalidades, além, é claro, os Jogos Olímpicos (2016).

Vale lembrar que, no decorrer do século XX, o Rio de Janeiro sediou outros eventos esportivos. Entre outros, podemos citar: o III Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1919 (no qual a seleção brasileira foi campeã); o VI Campeonato Sul-Americano de Futebol e os Jogos Olímpicos Sul-americanos (parte das comemorações do centenário da Independência, em 1922); a Copa do Mundo de Futebol de 1950; a Taça Independência de 1972.

Em todos esses casos, a relação com a política sempre foi evidente, cada experiência marcada por fatores contextuais e históricos específicos. De toda maneira, estiveram invariavelmente ligadas às aspirações do Brasil (às vezes mais simbólicas do que concretas) de assumir protagonismo no cenário mundial e regional, ambições que diziam respeito ao prestígio e ao lugar que o país pretendeu ocupar no concerto das nações.

Alguns fatores distanciam essas iniciativas anteriores dos eventos promovidos no século XXI. Por um lado, a própria experiência histórica do Rio de Janeiro permeia, em algum grau, a busca pela realização de tais competições. A cidade, capital entre 1763 e 1960, ocupou importante papel na cena nacional, sendo palco de relevantes acontecimentos e ponto de convergência e ressonância de modas e costumes. Essa posição de destaque se reduziu com a transferência da capital do país para Brasília (1960) e com o fim do Estado da Guanabara (1975), que juntamente com sucessivas crises políticas e econômicas implicaram em um processo de decadência do tecido urbano.

Os megaeventos foram encarados (em parte, de forma ingênua, superficial e pouco consequente) como meio de reverter o processo de degradação e de recuperar a cidade. Foram interpretados como panaceia, solução para os diversos problemas que o Rio de Janeiro enfrenta. Supostamente grande seria o legado. Tratou-se de uma promessa ambiciosa que largamente não foi cumprida.

Na verdade, esses eventos movimentam quantidades de recursos sem precedentes, pertencentes a um mercado global num cenário em que os estados nacionais perderam parte de seu protagonismo. São mais uma faceta da cidade entendida enquanto mercadoria. Mesmo sem considerar interesses particulares e/ou escusos envolvidos frequentemente na organização dessas iniciativas, o fato é que, em muitas ocasiões, desencadeiam mais exclusão do que inclusão, mais controle do que liberdade, mais distância do que atendimento aos interesses dos cidadãos.

De toda forma, esses eventos nos chamam a atenção para que percebamos que a história do esporte *na* cidade — que sempre será uma história *da* cidade — pode nos permitir lançar um olhar original para “antinomias clássicas” da modernidade, como as relações entre continuidade-ruptura, tradicional-moderno, rural-urbano, popular-elite, nacional-estrangeiro e global-local.

O fato é que, nesse longo percurso, o esporte deixou importantes registros na cidade, estabelecendo-se como importante referência para os que nela vivem. Mais do que ser apreciado, pode-se dizer que foi mobilizado na sua construção identitária, nos discursos sobre a “carioquice”. Nessa representação, é esportivo o espírito do carioca. E o Rio de Janeiro, sem sombra de dúvidas, se constituiu numa cidade esportiva.

## Nota

1 Adaptação de artigo publicado no livro “O esporte no cenário Ibero-Americano”, organizado por Victor Andrade de Melo (Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2015).

## Referências bibliográficas

ABREU, Mauricio de. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: um Hausmann tropical — a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992.

CARVALHO, José Murilo (coord.). **História do Brasil Nação (1808-2010)** — volume 2 — A construção nacional (1830-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

DIAS, Cléber Augusto. **Urbanidades da natureza**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

DIAS, Cléber Augusto; FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de. Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, pp. 112-128, 2012.

FORTES, Rafael. **O surfe nas ondas da mídia**: esporte, juventude e cultura. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **Vida divertida**: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SANCHEZ, Fernanda (Orgs.). **O jogo continua**: megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva** — primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.

MELO, Victor Andrade de. O corpo

esportivo nas searas tupiniquins — panorama histórico. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, pp. 507-530.

MELO, Victor Andrade de. Antes do *club*: as primeiras experiências esportivas na capital do império (1825-1851). **Projeto História**, São Paulo, n. 49, pp. 1-40, abr. 2014.

MELO, Victor Andrade de. Entre a elite e o povo: o *sport* no Rio de Janeiro do século XIX (1851-1857). **Tempo**, Niterói, v. 21, n. 37, pp. 208-229, 2015.

MELO, Victor Andrade de. Enfrentando os desafios do mar: a natação no Rio de Janeiro do Século XIX. **Revista de História da Universidade de São Paulo**, São Paulo, n. 172, pp. 299-334, jan.-jun. 2015.

MELO, Victor Andrade de. O *sport* em transição: Rio de Janeiro, 1851-1866.

Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 2, pp. 363-376, abr.-jun. 2015.

MELO, Victor Andrade de. Evidência e especulação: a “origem” do futebol no Rio de Janeiro (1898-1902). **Movimento**, Porto Alegre, 2017. No prelo.

NEEDEL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania** — uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1932. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. **O Rio de Janeiro Imperial**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio In: NOVAIS, Fernando A. (Org.). **História da vida**

**privada no Brasil — 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Recebido em 12/07/2017

Aprovado em 30/07/2017